A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE RENATA DE OLIVEIRA

Resumo:

O presente artigo propõe como objetivo geral discutir a importância de utilizar-se do ato de contar histórias na educação infantil pois, muito se ouve acerca da contribuição que a contação de histórias traz para o processo de ensino aprendizagem bem como desenvolvimento humano através da mediação de leitura desde os primeiros anos de vida. Seguindo a metodologia de: tomar como base algumas observações cotidianas na educação infantil e regular e fazer levantamentos bibliográficos, que aqui serão apresentados, apresentam-se na presente pesquisa, resultados capazes de mostrar que a partir da contação de histórias, a curiosidade da criança é acionada promovendo assim, o acesso ao seu imaginário através do despertar de sensações e sentidos a partir da história contada atingindo então, resultados positivos acerca do desenvolvimento humano concluindo por fim, que a há grande necessidade de utilizar-se do ato de contar histórias.

Palavras-chave: Contação. Dramatização. Histórias. Ensino aprendizagem. Contação de histórias.

Abstract: The present article proposes as a general objective to discuss the importance of using the act of storytelling in early childhood education because much is heard about the contribution that storytelling brings to the teaching-learning process as well as human development through the mediation of reading from the first years of life. Following the methodology of: taking as a basis some daily observations in early childhood and regular education and carrying out bibliographical surveys, which will be presented here, the present research presents results capable of showing that through storytelling, children's curiosity is activated, thus promoting access to your imagination through the awakening of sensations and senses from the story told, thus achieving positive results regarding human development, ultimately concluding that there is a great need to use the act of telling stories.

Keywords: Counting. Dramatization. Stories. I teach learning. Storytelling.

INTRODUÇÃO

“Conto histórias para ser a interprete daquilo que vejo, ouço e sinto [...]” (BUSATTO, 2019)

Desde criança, o ser humano sente necessidade de alimentar o imaginário e faz isso através de histórias – assistidas ou ouvidas – construindo assim, sonhos, caráter, consciência, personalidade, pensamentos, expressões, autoconhecimento, sensibilidade, emoção e outros aspectos que influenciam diretamente na sua vida adulta e, nesse contexto, a contação de histórias torna-se essencial em sua construção humana assumindo, por essas questões, extrema importância na vida de um ser tornando-se por isso, uma grande ferramenta pedagógica no que diz respeito ao desenvolvimento do ensino aprendizagem da criança. (FALEIRO, FARIA, FLAVIANO, GUIMARÃES, 2017)

Para tanto, faz-se necessário que, no ato de ouvir histórias, a criança se envolva e para isso o educador contador de histórias precisa não só compreender, mas, identificar-se e conectar-se com a história contada de modo que o ouvinte viaje num universo paralelo: o da imaginação, durante a escuta, mas nada disso é possível sem que, as capacidades dramáticas contidas no teatro sejam exploradas pelo contador.

Dessa forma, o presente estudo pretente ampliar as informações acerca da necessidade da contação de histórias na educação infantil buscando respostas para as seguintes indagações: “O que é contar histórias? ”, “Há necessidade da dramatização para a qualidade da contação de histórias? ”, “Qual a importância da contação de histórias no desenvolvimento humano? ”,

No intuito de responder tais questionamentos, optou-se por uma pesquisa baseada em algumas observações cotidianas na educação infantil e regular e levantamentos bibliográficos.

Contação de histórias: Dramatiza-ação

O ato de contar histórias teve origem antes da escrita pois as pessoas sentiam necessidade de repassar fatos históricos a partir da oralidade. Esse ato, no entanto, nunca se utilizou apenas da oralidade, mas gestos, emoções e até mesmo, encenações de acontecimentos com uso, muitas vezes, de artefatos. A transposição de um gênero não dramático para a linguagem do teatro, se dá o nome de dramatização: “Tornar dramático, dar a forma ou interesse de drama a. [Figurado] Exagerar, tornar mais interessante ou comovente, dar mais relevo a uma narrativa. ” (DICIO, 2023). Esta é uma habilidade necessária na ação da contação de histórias.

O teatro surgiu na grécia antiga, em meados do século IV a.C sendo posteriormente importado para o mundo todo que, em prática, readequou suas características de acordo com as necessidades de cada região. (ESCOLA, portal da, 2020)

No Brasil, foi utilizado pela primeira vez pelos jesuítas que visavam catequizar os índios, mas desde que surgiu, sua função baseaia-se em contar histórias por meio da dramatização tornando-se assim, ferramenta importante para a promoção da interação social e educação humana, que se inicia no berço do lar mas, se aprofunda de forma teórica, social e acadêmica na escola. (ESCOLA, portal da, 2020)

Para Silva, (2010), o teatro ensina a construir sentidos, principalmente quando vem ao encontro da capacidade de representação dramática do ser humano, o que nos leva a crer que a dramatização proporcionada pelo fazer teatral é capaz de construir conhecimento além de expressão e sozialização.

No entanto, a dramatização por sua vez, consiste no ato de empregar ação a histórias para contá-las e não pode se resumir a uma simples leitura em voz alta com gestos soltos, ao contrário, exige de quem dramatiza: imaginação, espontaneidade, compreensão e envolvimento com a obra encenada para que aconteça então a representação empregando aqui, recursos corporais como voz, expressão, noção de espaço e, de acordo com Olga Reverbel (1989), tais habilidades, embora inatas no ser humano, necessitam ser estimuladas através de jogos teatrais que, reforçam e ampliam as possibilidades de expressão do indivíduo além claro, de proporcionarem ao ator/contador da história a ser dramatizada, autoconhecimento acerca de seu corpo, sua voz, sua criatividade e suas capacidades de expressão.

Há necessidade da dramatização para a qualidade da contação de histórias?

Antes de começar a escrever, a pesquisadora que vos fala presenciou uma experiência no ambiente de trabalho, que é o que a levou a escrever sobre o assunto.

Num dado momento, numa escola pública da zona leste, uma experiência de contação de histórias aconteceu: certa educadora, no uso de suas atribuições decidiu, com um lindo e volumoso livro de histórias infantis em sua posse, contar histórias nas salas de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental I e, para isso, movimentou alunos no 9º ano do ensino fundamental II, num projeto muito interessante acerca do incentivo à leitura, a serem os protagonistas dessa ação: contar histórias. Combinados, alunos e educadora, com o livro nas mãos e vestindo figurinos de contos de fadas, dirigiram-se as salas do ciclo I citadas, no entanto, na falta de orientação adequada acerca do que é necessário numa contação de histórias, aconteceu o que se espera quando a história é apenas lida e não contada: falta de entendimento, envolvimento e curiosidade por parte dos alunos espectadores.

Embora encantados, por verem os alunos mais velhos trajados de figurinos dos clássicos infantis mais famosos como Branca de neve e os sete anões, (1937) de Irmãos Grimm, A Bela e a Fera, (1740) de Gabrielle-Suzanne Barbot, Peterpan, (1911) de James Matthew Barrie e outros e, com um lindo livro nas mãos, ao decorrer da história contada, por falta de técnicas dramáticas na realização da mesma, não houve interação. A contação foi feita em tom de voz baixo e sem entonação, não houve expressão facial e corporal, tampouco alimentação à curiosidade e imaginário do aluno espectador por meio da contação proposta pois, não havia por parte dos alunos contadores, compreensão do texto que estava sendo lido para a contação. O resultado, como esperado numa situação dessas, foi de confusão mental e repetidas expressões de “eu não entendi” por parte dos pequenos espectadores.

Ao longo dos anos, o ato de contar histórias foi se configurando importante ferramenta no desenvolvimento humano e, tendo papel e importância primordial nesse processo, portanto, torna-se a contação de histórias, uma ação constante no ensino infantil e fundamental.

O que aconteceu, no entanto, no caso apresentado acima, é muito claro e infelizmente comum nas contações de histórias na educação infantil, fundamental e até mesmo em casa: falta de compreensão textual e uso de recursos dramáticos.

Para Busatto, (2003, p.48):

"(...) são essas identificações entre narrador e conto narrado que fazem a diferença; ou existe essa integração, ou a narrativa deixa de ser uma experiência compartilhada, e passa a ser um simples repasse de informação, e nesse caso a história nem precisaria ser contada."

Embora estejamos citando acima, a experiência de histórias contadas por alunos a alunos, a bibliografia citada nos mostra que, narrador e conto precisam identificar-se, pois, é isso que faz a diferença na contação da história para que ela não se torne um mero repasse de infromação. É claro que, o caso citado acima nos traz alunos mais velhos contando histórias para alunos mais novos sem terem sido devidamente orientados e preparados quanto aos critérios, características e necessidades de uma contação de histórias como por exemplo a

dramatização, mas além disso, a identificação entre narrador e conto que Busatto nos fala não aconteceu, o que demonstra falta de compreensão textual por parte do contador e consequentemente, falta de ligação entre ambos.

Não podemos deixar de observar também que a ausência da orientação adequada nos leva a crer que, a educadora em questão responsável pelo projeto apresentado acima, pode não ter tido tal orientação – acerca de ligação entre contador e obra e necessidade do uso de recursos dramáticos –, o que infelizmente parece ser uma lacuna a ser preenchida na formação de educadores pois, em diversas experiências assistidas pela pesquisadora que vos fala, recursos de dramatização e idenficação entre conto e contador parecem não ser utilizados no ato de contar histórias, o que dificulta muito a compreensão por parte do espectador pois, para não só fazer sentido mas também tocar o outro, a história precisa se integrar, não só com o espectador mas principalmente com o contador da história que, a partir disso, vai transmiti-la de acordo com a sua sensibilidade, interpretação e expectativas e para isso, o uso da dramatização é essencial pois a dramatização permite que o contador não só compreenda o texto mas vivencie-o ao contá-lo a outras pessoas, conforme pudemos ver no capítulo anterior, denominado "Contação de histórias: Dramatiza-ação" onde fica claro que os jogos teatrais reforçam e ampliam as possibilidades de expressão do indivíduo além claro, de proporcionarem ao ator/contador da história a ser dramatizada, autoconhecimento acerca de seu corpo, sua voz, sua criatividade e suas capacidades de expressão fazendo-se assim, compreender e ser compreendido.

Em seu livro "Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão (1989)", Olga Reverbel defende que capacidades de expressão, embora inatas no ser humano, necessitam ser estimuladas através de jogos teatrais, que segundo a autora, alcançaram ótimos resultados no desenvolvimento das capacidades de expressão dos alunos. Em sua pesquisa, ela elenca cinco conjuntos de exercícios dramáticos, que embora tenham um objetivo diferente cada, contribuem significativamente para o processo de crescimento do aluno. Aqui, citaremos quatro que apresentam aspectos construtivos a essa pesquisa:

Conforme Reverbel, (p.28-129):

1. Espontaneidade - Tais atividades podem e devem ser desenvolvidas sem o medo de estar agindo errado, o aluno comporta-se espontânea e naturalmente; ele se autoaceita, o que favorece o desenvlvimento de suas capacidades expressivas.

2. Imaginação - É a arte de formar imagens e está diretamente ligada à observação, à percepção e à memória. É um produto da ação do pensamento, que pode ser representado por meio das linguagens corporal, verbal, gestual, gráfica, musical e plástica.

3. Observação - É um ato dramático na medida em que ela aumenta as possibilidades do jogo, servindo de ponto de partida para a criação.

4. Percepção - Está diretamente relacionada com o desenvolvimento dos nossos sentidos, o que exige que o indivíduo participe por inteiro desse processo. A necessidade de comunicação do aluno desenvolve-se paralelamente à organização da sua capacidade de percepção. Quando o indivíduo percebe, ele incorpora esse conhecimento, e essa é uma experiência única, pois depende do estágio de desenvolvimento de inteligência em que o indivíduo se encontra e de sua vivência.

Neste sentido, embora as pesquisas de Reverbel refiram-se a alunos, a proposição de tais exercícios ao contador de histórias pode ter resultados positivos no que diz respeito à ligação do contador com o conto, que cita Busatto e a dramatização da história contada a fim de que essa se faça compreensível e significativa para o espectador pois praticando conjunto dos 4 exercícios dramáticos acima, o contador pode não só compreender, mas também construir sentidos para contar a sua história. Há ainda aqui, a necessidade de mais dois componentes dramáticos importantíssimos na contação de histórias, que não podem se ausentar da ação proposta: expressão vocal e corporal.

Ainda para Reverbel (1989), a voz do ator/contador tem a função de comunicar o outro além de produzir uma diferenciação de personagens e por esse motivo, precisa estar recheada de intenções e significados. Já a expressão corporal por sua vez, tem como função estimular a criatividade através da criação de imagens corporais que podem auxiliar o ouvinte a visualizar a história contada. Isso nos mostra que, o contador necessita de prévio trabalho de expressão vocal e corporal além das práticas de atividades dramáticas já citadas acima, para produzir uma contação de histórias de qualidade. Vale lembrar também que, o contador deve ter domínio de outros elementos narrativos e dramáticos como tempo, ritmo e espaço da história contada, para que as essências dos personagens sejam criadas, sentidas e posteriormente, transmitidas ao espectador que, os visualizará em sua mente.

Não podemos nos esquecer, no entanto, que a contação de histórias não é uma peça de teatro. Para Busatto (2003), contar e representar histórias são ações diferentes, porém no conto, há representação

e ela precisa ser moderada e precisa: não pode ser exagerada, mas também não pode não se fazer presente. Isso quer dizer que, o uso da linguagem teatral contribui para que o espectador imagine personagens e ações criando-os em sua imaginação, mas não deve fazer da história contada, uma peça de teatro.

A importância da contação de histórias no desenvolvimento humano (e na educação infantil)

Como já dito acima, contar histórias faz parte da cultura humana desde os primórdios, onde não havia escrita.

Segundo Bernadino e Souza (2011), de início as histórias da comunidade eram narradas com objetivo de garantir ensinamentos acerca de crenças e costumes passados de geração para geração, mitologias, entre outras expressões culturais da sociedade e posteriormente, com o entretenimento causado pelos momentos de contação – vale ressaltar aqui que, grande parte deles aconteciam em roda, em volta a uma fogueira e tomavam atenção de toda uma família ou tribo –, o homem começou a ver a contação de histórias também como meio de lazer e divertimento, adequando-a – ainda de acordo com Bernadino, Souza (2011) – a esse fim, conforme expressa a citação a seguir: "O homem descobriu que a história além de entreter, causava admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contar de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam" (BERNARDINO, SOUZA, 2011, p.236,237).

De acordo com os estudos apresentados, podemos compreender que desde então a contação de histórias tornou-se essencial para a vivência humana: pesquisas históricas mostram que em grandes palácios, trovadores eram contratados para entreter a realeza com histórias e nas aldeias, os encontros em volta a fogueira garantiam os momentos de lazer além claro, de promover ensinamentos e, com o desenvolvimento da escrita, as histórias transpuseram-se também para o papel chegando assim a um maior número de pessoas tornando-se hoje, a contação de histórias, prática fundamental da humanidade uma vez que, Bernadino e Souza, ressaltam o estímulo da imaginação e desenvolvimento de habilidades cognitivas, proporcionados pela contação de histórias na infância:

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. (2011, p.237)

A citação acima, nos leva a conclusão de que, com o tempo, o ato de contar histórias foi se configurando importante ferramenta no desenvolvimento humano pois estimula habilidades essenciais para a vida adulta cujos conhecimentos e estímulos construídos na infância, através de ensinamentos adquiridos na escola, comunidade e no seio familiar, preparam o homem para lidar com as adversidades do mundo e, alimentar a imaginação e a criatividade tendo a contação de histórias, papel e importância primordial nesse processo portanto, na educação infantil, a contação de histórias se faz necessária e indispensável.

Freire (1998, p. 7) afirma que:

A leitura da palavra é normalmente entendida da leitura do universo. E saber a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa aprender a ler o universo, entender o seu contexto, não num manejo mecânico de palavras, mas numa ligação empreendedora que liga língua e realidade. Além disso, o aprendizado da leitura e a alfabetização são ações de educação e educação é um ato fundamentalmente político.

Contar histórias é, portanto, um processo indispensável no incentivo à leitura, no desenvolvimento da linguagem, na liberdade para a escrita, no desenvolvimento do senso crítico e no imaginário da criança sendo os contadores de histórias os mediadores desse processo, promovendo uma atividade essencial: a de envolver a criança na história, oferecendo vida ao imaginário, expressão das emoções, e mundo da fantasia (CARDOSO, FARIA 2016).

CONCLUSÃO

Ao escrever esse texto, busquei inspiração nos estudos da escritora e contadora de histórias Cléo Busatto e da teórica, autora e compositora, que dedicou sua vida e seus estudos às práticas e relação entre teatro e educação, Olga Reverbel além de pesquisas relacionadas à contação de histórias e teatro na escola.

Além da bibliografia estudada e apresentada, as experiências de campo citadas têm me permitido pensar acerca de meios de contribuição para a inclusão da contação de histórias na educação infantil e nessa perspectiva, esse estudo vem de encontro com a vontade de contribuir para com tal inclusão pois, atuando no campo da educação observa-se que essa prática pouco explorada e quando realizada, muitos contadores

não buscam a informação adequada empobrecendo assim, o ato da contação.

Portanto, o processo de contação de histórias, que desenvolve hoje papel importante no desenvolvimento humano e está presente tanto no seio familiar quanto no espaço de aprendizado do homem desde a infância (escola) foi abordado neste estudo com foco no esclarecimento e definição do que é contação de histórias, dramatização, necessidade da dramatização no ato de contar histórias e importância da contação de histórias na educação infantil.

No entanto, esse processo não se encerra aqui podendo ainda, ser articulado a novas questões que venham a dinamizar a contação de histórias fazendo assim, surgir novas inquietações acerca dela e sua importância no ambiente escolar.

Considero ainda que, o objetivo de ressignificar o ato de contar histórias com a intensificação da utilização de recursos dramáticos venha a contribuir para com a qualidade e compreensão das histórias contadas bem como alimentação da imaginação e criatividade da criança no processo de ensino-aprendizagem.

A título de conclusão, pode-se afirmar, ao final do processo de pesquisa que, os modos de pensar a contação de histórias podem e devem ser repensados a fim de enriquecer o processo de educação infantil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Antonia. A importância da contação de histórias na educação infantil, disponível em Antonia Marlene de Macedo Oliveira Alves_0009209.pdf (uniceplac.edu.br) – acesso em 11/11/2023

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Educare et educarerevista de educação. São Paulo, v 06, nº12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891> .Acesso em 11/11/2023.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, MA de. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação,v.7,n.1,p.1-10,2016

DICIO, Dicionário Online de Português – Dramatizar, disponível em: Dramatizar - Dicio, Dicionário Online de Português, acesso em 11/11/2023.

REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione, 1989.

SILVA, Belonice Medeiros da. Práticas teatrais na escola: Histórias sobre processos coletivos de conhecimento em teatro, disónível em https://lume.ufrgs.br/handle/10183/26301, acesso em 11/11/2023.